

Meio Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento: uma abordagem acerca das implicações causadas por um desenvolvimento desequilibrado com enfoque na saúde

*Medio Ambiente, Sociedad y Desarrollo: un enfoque acerca de las
implicaciones causadas por un desarrollo desequilibrado con enfoque en
la salud*

*Environment, Society and Development: an approach to the implications
caused by developed development with a health approach*

Raquel Riffel¹

Natália Carolina Oliveira Vaz²

Resumo

Atualmente há intenso debate acerca da conservação ambiental, em consonância com o desenvolvimento sustentável da sociedade, isto é, buscam-se formas de promover este equilíbrio, proporcionando bem-estar e qualidade de vida para a população. A tríade central abordada, trata-se da compreensão e da correlação entre meio ambiente, sociedade e desenvolvimento, analisando seus reflexos no âmbito da saúde. Assim, o presente trabalho inicia sua reflexão a partir do desenvolvimento no contexto da atualidade, o qual apresenta uma ambiguidade evidente: o consumo excessivo, a exploração ambiental e a ampliação do acesso à tecnologia que, por um lado, promovem uma expressiva melhoria de vida a diversos segmentos da população e que, por outro lado, resultam em um esgotamento dos recursos naturais disponíveis e, conseqüentemente, na inviabilização para as próximas gerações. Na sequência, desenvolve-se uma análise entre desenvolvimento e saúde, em níveis mundiais e, posteriormente, analisa-se este mesmo aspecto na esfera nacional. Os resultados obtidos demonstram que o desenvolvimento é amparado de forma plena, tendo em vista a vulnerabilidade do meio ambiente urbano e a propagação de doenças, algumas recentes, outras que ressurgiram, mesmo depois de intenso processo de erradicação. A conclusão deste trabalho relata que existe uma relação indissociável entre o Meio Ambiente (com sentido de conservação e preservação) e o Desenvolvimento (com sentido da escolha de padrão e conduta), que são essenciais para a sociedade e para a perpetuação da humanidade. Neste sentido, será necessário criar novas estratégias e ações governamentais que contemplem estes aspectos e promovam uma melhoria gradativa do meio ambiente.

Palavras-Chave: Desenvolvimento, Meio ambiente, Sociedade, Saúde, Sobrevivência.

Resumen

Actualmente hay intenso debate sobre la conservación ambiental, en consonancia con el desarrollo sostenible de la sociedad, es decir, se buscan formas de promover este equilibrio, proporcionando bienestar y calidad de vida para la población. La tríada central abordada, se trata de la comprensión y de la correlación entre medio

¹ Mestranda em Desenvolvimento Regional no Programa de pós Graduação em Desenvolvimento Regional da Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB - (SC/BRASIL). Integrante do Grupo de Pesquisas *Ethos*, Alteridade e Desenvolvimento - GPEAD/FURB. E-mail: raquel_riffel@hotmail.com.

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná – UFPR - (PR/BRASIL). Participante do Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião (NUPPER). É membro associado da Academia Nacional de Estudos Transnacionais - ANET e da Associação Brasileira de História das Religiões - ABHR. E-mail de contato: natihvaz@gmail.com.

ambiente, sociedad y desarrollo, analizando sus reflejos en el ámbito de la salud. Así, el presente trabajo inicia su reflexión a partir del desarrollo en el contexto de la actualidad, el cual presenta una ambigüedad evidente: el consumo excesivo, la exploración ambiental y la ampliación del acceso a la tecnología que, por un lado, promueven una expresiva mejora de la vida a diversos segmentos de la población y que, por otro lado, resultan en un agotamiento de los recursos naturales disponibles y, consecuentemente, en la inviabilización para las próximas generaciones. En consecuencia, se desarrolla un análisis entre desarrollo y salud a niveles mundiales y, posteriormente, se analiza este mismo aspecto en la esfera nacional. Los resultados obtenidos demuestran que el desarrollo es amparado de forma plena, teniendo en vista la vulnerabilidad del medio ambiente urbano y la propagación de enfermedades, algunas recientes, otras que resurgió, incluso después de intenso proceso de erradicación. La conclusión de este trabajo relata que existe una relación indisociable entre el medio ambiente (con sentido de conservación y preservación) y el desarrollo (con sentido de la elección de patrón y conducta), que son esenciales para la sociedad y para la perpetuación de la humanidad. En este sentido, será necesario crear nuevas estrategias y acciones gubernamentales que contemplen estos aspectos y promuevan una mejora gradual del medio ambiente.

Palabras claves: Desarrollo, Medio ambiente, Sociedad, Salud, Supervivencia, Medio ambiente, Sociedad, Política, Injusticia, Justicia.

Abstract

Currently there is intense debate about environmental conservation, in line with the sustainable development of society, that is, ways are sought to promote this balance, providing well-being and quality of life for the population. The central triad addressed is the understanding and correlation between environment, society and development, analyzing its reflexes in the health sphere. Thus, the present work begins its reflection from the development in the current context, which presents an obvious ambiguity: excessive consumption, environmental exploitation and the expansion of access to technology that, on the one hand, promote a significant improvement of life to diverse segments of the population and, on the other hand, result in a depletion of the available natural resources and, consequently, in the impossibility for the next generations. In the sequence, an analysis between development and health is developed, at world-wide levels and, later, the same aspect is analyzed in the national sphere. The results show that development is fully supported, given the vulnerability of the urban environment and the spread of diseases, some recent, others resurgent, even after an intense eradication process. The conclusion of this work is that there is an inseparable relationship between the Environment (with a sense of conservation and preservation) and Development (with a sense of the choice of pattern and conduct), which are essential for society and for the perpetuation of humanity. In this sense, it will be necessary to create new strategies and governmental actions that contemplate these aspects and promote a gradual improvement of the environment.

Keywords: Development, Environment, Society, Health, Survival.

1. Introdução

Existe uma tríade indissociável entre: Meio Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento. O meio ambiente provê os recursos necessários para promover o desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade, por sua vez, o desenvolvimento científico e tecnológico proporciona a evolução de determinadas esferas sociais.

Nas últimas décadas o desenvolvimento tecnológico atingiu níveis, que antes eram inimagináveis. Essa evolução trouxe consigo uma tecnologia inovadora, que permitiu ao homem interatividade, globalidade e conexão em tempo real, obtendo também significativos avanços na medicina e no tratamento de doenças, visando ampliar a longevidade do homem. Por outro lado, o uso irracional dos recursos naturais ambientais colocou a prova à perpetuação da humanidade, causando significativos problemas, inclusive no âmbito da saúde.

Tendo em vista esta realidade, o presente trabalho se desenvolve com o objetivo central de refletir acerca da tríade complexa, formada pelo meio ambiente, pela sociedade e pelo desenvolvimento, traçando como alvo o enfatizar da necessidade de melhora substantiva e qualitativa nos padrões da vida humana, preservando, ao mesmo tempo, a vitalidade e a diversidade do planeta, sem isto soar como sendo utópico ou inatingível. Seus objetivos específicos se direcionam a compreender os reflexos da tríade supramencionada no âmbito da saúde.

Refletindo sobre a metodologia utilizada para a construção deste trabalho, é possível afirmar que, quanto aos seus objetivos, a pesquisa pode ser considerada como de cunho exploratório, pois busca evidenciar o problema e explicitá-lo. Quanto aos seus procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, a qual reflete e explora a temática, tendo por base o aporte de outros estudiosos da mesma área (GIL, 2008).

A justificativa para o desenvolvimento deste trabalho reside em torno da necessidade em refletir sobre o tema estabelecido pela tríade Meio Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento, analisando seu impacto sobre a esfera da saúde e destacando suas interferências. Parece adequado enriquecer o debate sobre este assunto, compreendendo a necessidade em identificar e desenvolver estratégias para promover um desenvolvimento sustentável, no qual o meio ambiente possa ser preservado em consonância com o desenvolvimento técnico e científico, tão importante para a sociedade contemporânea.

Desta forma, este trabalho se subdivide em três seções principais, seguido por breves considerações finais. Na primeira seção analisa-se o desenvolvimento dos dias atuais, sob a concepção atemporal de Charles Dickens; na segunda seção disserta-se a respeito da variável da saúde, em nível mundial; na terceira seção a abordagem se direciona a saúde e seus peculiaridades, em âmbito nacional; finalmente, as considerações finais apresentam algumas reflexões sobre os resultados percebidos, sugestões e recomendações para trabalhos futuros.

2. Desenvolvimento Hoje?

Charles Dickens (1812-1870)³, é o autor de uma frase que mesmo tendo sido proferida no Século XIX, guardou aspecto atemporal e tipifica exemplarmente o mundo que vivemos na atualidade, no que diz: “*era o melhor dos tempos, era o pior dos tempos*”. Ou seja, traduzindo para o momento presente deste mundo contemporâneo, vivemos no melhor dos tempos, e no pior dos tempos. No melhor dos tempos haja vista a imensurável

³DICKENS, Charles John Huffam. *A taleoftwocities*. London: Chapman& Hall, 1859.

possibilidade de execução de ações com um amplo leque de alternativas, dado o elevado progresso tecnológico, científico etc. na qual a atual sociedade se encontra, e que cresce exponencialmente diariamente, que podem, havendo vontade para tanto, possibilitar a melhora significativa no padrão de vida de milhões de seres humanos, prover soluções para intrincados problemas, demandas históricas, sendo muitas destas seculares. Por outro lado, vivemos no pior dos tempos, ao passo que diante das infinitas possibilidades tange um agravamento diuturno dos problemas, o ressurgimento de situações que até o passado recente eram consideradas erradicadas, o recrudescimento de conflitos, crises, disparidades, racismos, marginalização, sem precedentes.

Com isso, o traçado de um padrão de desenvolvimento centrado na sociedade, na melhoria da condição de vida, na conservação da natureza, na preservação da variedade e produtividade do meio natural não dizem respeito à repetição incessante de filosofias alternativas ou imposição de ideologias diferentes do *status quo* dominante. Ainda que porventura haja sim a ocorrência desta manifestação em alguns segmentos sociais e acadêmicos, tanto no Brasil quanto em outros países no mundo, existe contanto, a realidade, inexorável, esta desnuda de vieses e, carregada de evidências realistas e pragmáticas, acerca de que na verdade a aceção de Charles Dickens do viver no melhor dos tempos e no pior dos tempos, é o diário testar de limites possíveis que extrapola a ousadia, na verdade beira a irracionalidade, dado a aceitabilidade da probabilidade que a sociedade contemporânea acorda e não haja de fato, amanhã.

Esta hipótese se coloca como aceitável, considerando a evolução e persistência de ações e condutas que façam prevalecer um padrão de desenvolvimento de alto risco, que esgote as possibilidades de vida no planeta e mais, lance combinatoriamente o desencadear de ameaças antes tratadas como ficção nos meios científicos a hipóteses plausíveis de ocorrência.

A questão é que a humanidade, enquanto tecido social, sociedade como um todo, se impõe uma ausência de medo sobre a ocorrência de determinados eventos, em virtude que estes ocorrem de maneira pré-concebida apenas em segmentos pré-determinados, tais como os extratos sociais menos favorecidos e historicamente vulneráveis e marginalizados, não levando a hipótese em consideração de um cenário estendido, isto é, que independerá de classe social, condição, posição geográfica, bastando exclusivamente um prover-se de fator condicionante, ser da espécie humana.

A sociedade contemporânea ignora o fato de um desencadear de ameaças de ordem global, sistêmica, originárias de elementos invisíveis e incontroláveis, entretanto desencadeados por ações e condutas muito ostensivas e flagrantes que vêm persistindo

durante todo o evoluir do tempo, e não apenas em um ou dois países, ou regiões geográficas concentradas, mas por todo o globo.

3. Desenvolvimento Variável e a Saúde

A variável que aqui se trata de chamar a atenção é a saúde. Muito do que se debate quando se trata do trinômio meio ambiente, sociedade e desenvolvimento são os aspectos estritamente sociais em cunho repetitivo, como posturas ideológicas de um estado nacional, formatação da estrutura política, debates acentuados acerca de utopias do dever ser, longínquas dos aspectos práticos, conquanto, tem congestionado as pautas fazendo com que não se dê atenção a fatores sistêmicos, possíveis, plausíveis, pragmáticos e realistas.

O que pragmaticamente têm colocado em alerta estudiosos e especialistas do mundo inteiro é a emergência de determinados fatores e o ressurgimento de fatores considerados erradicados há muito tempo. É uma ópera do absurdo, entretanto, é real, que está ocorrendo, berrando em alto volume, conquanto a sociedade não está ouvindo.

Segundo a Organização Mundial da Saúde-OMC⁴ (2010), a China, país com a maior população do mundo, passa a conviver no tempo presente, com fantasma praticamente erradicado há mais de 50 anos, com a descoberta da penicilina. A sífilis no tempo presente conforme OMC (2010) é a doença sexualmente transmissível mais comum em Xangai, ao passo do que é mais assustador como evidencia a OMC (2010), é a exponencial de nascimentos de bebês, que já nascem portadores desta doença, neste país.

Outro exemplo, conforme a OMC (2010), o mal de Chagas, uma moléstia endêmica de países latino-americanos, avança e está penetrada em grandes proporções na Europa e nos Estados Unidos e, a tuberculose já não possui mais fronteiras. O reaparecimento de uma doença considerada extinta em um país pode atingir todo um continente em poucas semanas, informa OMC (2010) e justamente as áreas que mais poderão sofrer são as coincidentes com a pobreza e a miséria, isto é, América Latina, África e Sudeste Asiático.

As doenças infecciosas, que já foram grandes inimigas da humanidade séculos atrás e sumiram do mapa da saúde pública mundial por algumas dezenas de anos, estão de volta e se alastram em velocidade, levantando uma questão: se há informação, tecnologia de ponta e experiências adquiridas no passado, por que elas atormentam novamente o planeta? Esta interrogação é feita pela OMC (2010) e também sugerida pelo presente trabalho.

⁴ Nota da autora: Organização Mundial da Saúde-OMS, na língua portuguesa (Brasil) e *World Health Organization-WHO*, na língua inglesa.

Apontadas pela OMC (2010) as chamadas doenças “reemergentes” são aquelas conhecidas há muitos anos, mas que, de repente, têm a incidência aumentada. Tal reintrodução coincide com o modelo de desenvolvimento econômico das sociedades atuais, baseado na exploração do trabalho, com competição, solidão, tensão social e ação predatória sobre o meio ambiente, como o desmatamento de florestas, acrescentando-se ainda a fome, as desigualdades sociais, a pobreza, o desemprego e as condições de vida das populações pobres que vivem em meios urbanos ou rurais, como fatores fundamentais para esse retorno.

OMS (2010) exemplifica o caso da leishmaniose, que já foi considerada um mal rural e, com o passar dos anos, tornou-se problema nos grandes centros urbanos, que segundo estimativas, chega a 2 milhões os casos registrados no mundo, anualmente.

Causada pelo protozoário *Leishmaniachagasi*, ela é transmitida por vetores da espécie *Lutzomialongigalpis* e *L. cruzi*, mosquitos que vivem em ambientes escuros, úmidos e entre os acúmulos de lixo orgânico. O vírus da leishmaniose está habitualmente presente no pé das serras e, quando se abrem estradas e derrubam florestas, o vírus se propaga. A leishmaniose é apenas um dos problemas graves de saúde pública do século 21. OMS (2010) destaca que para os próximos 90 anos, há probabilidade da volta de ao menos sete males: doença de Chagas, malária, febre amarela, hantavírus, dengue, hepatites virais e tuberculose. Segundo a OMS (2010), até o século passado, as principais questões de saúde relacionavam-se às mais estritamente às infecções, responsáveis por 50% das mortes.

Cabe lembrar que as doenças epidêmicas eram introduzidas, por exemplo, na Europa ou levadas às colônias, desde o século XV, em consequência das viagens transoceânicas e das trocas comerciais. Entretanto durante o século 20, os males provocaram transformações nos indicadores demográficos, sociais, econômicos e de saúde, com repercussão expressiva nas condições da vida humana. São de especial destaque as diarreias, cujo declínio determinou queda significativa da mortalidade geral. Com isso formara-se a crença de que doenças infecciosas poderiam ser facilmente erradicadas, mas tal impressão foi, entretanto, inteiramente equivocada, ressalta OMS (2010).

Necessário expor que muitos problemas desde aquela época não apresentam solução, como a expansão da malária na Amazônia, e a permanência da esquistossomose, da hanseníase e da tuberculose. OMS (2010) também chama atenção às patologias ultra resistentes. O retorno de males do passado não está ligado apenas às condições socioambientais nos continentes, existem micro-organismos que têm alta capacidade de se multiplicar e têm aqueles que são muito resistentes.

4. Brasil: Observações e Peculiaridades da Saúde

No caso do Brasil, conforme o Ministério da Saúde/MS (2010), a situação epidemiológica das doenças transmissíveis tem apresentado mudanças significativas, observadas através dos padrões de morbimortalidade em todo o mundo. Este grupo de doenças continua a oferecer desafios aos programas de prevenção, com a introdução de novas doenças, a exemplo da AIDS, ou de agentes que sofrem modificações genéticas e se disseminam rapidamente através das populações de países e continentes, a exemplo da atual pandemia produzida pelo vírus da Influenza A (H1N1).

Esse cenário reflete as transformações sociais ocorridas desde a partir da década de 1970, caracterizadas pela urbanização acelerada, migração, alterações ambientais e facilidades de comunicação entre continentes, países e regiões, entre outros fatores que contribuíram para o delineamento do atual perfil epidemiológico das doenças transmissíveis em todo o mundo.

No Brasil, evidencia MS (2010), os diversos estudos sobre a situação de saúde da população apontam para a ocorrência, no final do século 20, de declínio nas taxas de mortalidade devido às Doenças Infecciosas e Parasitárias/DIP e, em especial, às Doenças Transmissíveis, para as quais se dispõe de medidas de prevenção e controle. Por outro lado, embora a tendência verificada para a morbidade por esse grupo de causas seja igualmente decrescente, este declínio não apresenta a mesma intensidade observada na mortalidade.

Evidencia MS (2010) que a mortalidade por DIP, em 1930, era responsável por 45,7% de todos os óbitos do país. Em 1980, esse percentual era de 9,3% e, no ano de 2006, já se encontrava em 4,9%, enquanto sua taxa de mortalidade cujo valor era de 59,3/100 000 em 1990, reduziu para 48,8/100 000 habitantes no ano de 2006. Por sua vez, as internações por esse grupo de doenças, entre 1980 e 1990, contribuíam com cerca de 10% do total de internações no país e, no período de 2000 a 2007, ainda se mantinham em torno de 8,4%. Nas regiões Norte (13,6%) e Nordeste (11,9%), os valores são ainda mais elevados, relata MS (2010).

É consenso que a situação das Doenças Transmissíveis no Brasil, no período compreendido entre o início dos anos de 1980 até o presente momento, corresponde a um quadro complexo que pode ser resumido em três grandes tendências: doenças transmissíveis com tendência declinante; doenças transmissíveis com quadro de persistência e doenças transmissíveis emergentes e reemergentes, estas últimas muito preocupantes.

São denominadas de emergentes, aquelas doenças que surgiram, ou foram identificadas, em período recente, ou aquelas que assumiram novas condições de transmissão, seja devido a modificações das características do agente infeccioso, seja passando de doenças

raras e restritas para constituírem problemas de saúde pública. As reemergentes, por sua vez, são as que ressurgiram como problema de saúde pública, após terem sido controladas no passado (MS, 2010).

Chama atenção, a Cólera, introduzida no país em 1991, apresentou pico epidêmico em 1993, com 60.340 casos. Apesar de ser uma doença associada a condições ambientais e sanitárias precárias, os esforços realizados para o seu controle, conseguiram reduzir drasticamente sua incidência. Posteriormente, passou a manifestar-se sob a forma de surtos, principalmente nas pequenas localidades do Nordeste, com deficiência de saneamento básico (MS, 2010).

Entre os anos de 2000 e 2008, uma redução significativa no número de casos e óbitos por Cólera no Brasil, sendo registrados, nesse período, 766 casos e 20 óbitos, todos na região Nordeste e o estado de Pernambuco liderou o número de registros, sendo estes 511 casos e 12 óbitos.

Outro exemplo, que o MS (2010) aponta é relacionado a Dengue que foi reintroduzida no Brasil em 1982. O mosquito transmissor da doença, o *Ae. aegypti*, erradicado em vários países do continente americano nas décadas de 50 e 60, retornou na década de 70, por fragilidades na vigilância entomológica, além de mudanças sociais e ambientais propiciadas pela urbanização acelerada.

O MS (2010), frisa bem quanto as dificuldades para eliminar um mosquito domiciliado que se multiplicava nos vários recipientes que podem armazenar água, particularmente naqueles encontrados nos lixos das cidades, como garrafas, latas e pneus, ou no interior dos domicílios, como descansadores dos vasos de plantas, exigiram substancial esforço do setor saúde cujos resultados não foram efetivos.

Entretanto, conforme MS (2010), tal trabalho necessita ser articulado por políticas públicas, como limpeza urbana, além de uma maior conscientização e mobilização social sobre a necessidade das comunidades manterem seus ambientes livres do mosquito. Entre outros fatores que pressionam a incidência da Dengue, destaca-se a introdução de um novo sorotipo, o DENV 3, que foi identificada, pela primeira vez, em dezembro de 2000, no estado do Rio de Janeiro e, posteriormente, no estado de Roraima, em novembro de 2001. Em 2002, foi observada maior incidência da doença, quando foram confirmados cerca de 697.000 casos, refletindo a introdução deste sorotipo. Ocorreu uma rápida dispersão do DENV3 para outros estados, sendo que, em 2004, 23 dos 27 estados do país já apresentavam a circulação simultânea dos sorotipos 1, 2 e 3 do vírus da Dengue. No Brasil, os adultos jovens foram os mais atingidos pela doença desde a introdução do vírus. No entanto, a partir do ano de 2006,

alguns estados apresentaram predomínio da circulação do DENV2, após alguns anos de predomínio do DENV3 (MS, 2010).

Esse cenário levou a um aumento no número de casos, de formas graves e de hospitalizações em crianças, principalmente no Nordeste do país. No ano de 2008, conforme MS (2010), novas epidemias causadas pelo DENV2 ocorreram em diversos estados do país, marcando o pior cenário da doença no Brasil em relação ao total de internações e de óbitos caracterizado por um padrão de gravidade em crianças, que representaram mais de 50% dos casos internados nos municípios de maior contingente populacional. Mesmo em municípios com menor população, mais de 25% dos pacientes internados por Dengue eram crianças, o que evidencia que todo o país vem sofrendo, de maneira semelhante, essas alterações no perfil da doença.

Outro fator de elevada preocupação, conforme MS (2010), são os Hantavírus. Os primeiros casos de Hantavírose, no Brasil, foram detectados em 1993, em São Paulo. Essa doença tem sido registrada com maior frequência nas regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste. No Brasil, no período de novembro de 1993 a dezembro de 2008, foram confirmados 1.119 casos, dos quais 91,8% (1.027) confirmados por critério laboratorial, predominando sua ocorrência nas regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste.

Apesar da ocorrência da doença em todas as regiões brasileiras, apenas 14 estados registraram casos, a exemplo de Minas Gerais, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso. Em menor número notificaram casos o Distrito Federal, Pará, Goiás, Maranhão, Amazonas, Rondônia, Rio Grande do Norte, Bahia que, em conjunto, foram responsáveis por 15,5% dos casos nos últimos 15 anos (MS, 2010).

A padronização e informatização das ações de vigilância, ocorridas a partir do ano de 2001, o desenvolvimento da capacidade laboratorial para realizar diagnóstico, a divulgação das medidas adequadas de tratamento para reduzir a letalidade e o conhecimento da situação de circulação dos hantavírus nos roedores silvestres brasileiros possibilitaram o aumento na capacidade de detecção da Hantavírose.

Contanto, expõe MS (2010), que mais recentemente, são os esforços combinados para intervenção frente à pandemia do novo vírus de Influenza A (H1N1) 2009. No Brasil até a semana epidemiológica 44 do ano de 2009 haviam sido registrados 24.729 casos de Influenza, sendo que 91% destes foram causados pela Influenza pandêmica (H1N1) 2009 e 9% pela Influenza sazonal. A taxa de incidência da Síndrome Respiratória aguda Grave (SRAG) por Influenza pandêmica (H1N1) atingiu 12 casos por 100.000 habitantes. As regiões mais afetadas foram às regiões Sul e Sudeste (49/100.000 e 9/100.000 habitantes,

respectivamente). Os estados mais atingidos foram o Paraná com 109, Santa Catarina com 15 e São Paulo com 14 casos por 100.000 habitantes.

Segundo MS (2010), as faixas etárias constatadas com maiores incidências foram os menores de dois anos e de 20 a 29 anos, 22 e 16 por 100.000 habitantes, respectivamente. Entre as possíveis condições de risco para a ocorrência de complicações por Influenza a mais frequente fora a presença de pelo menos uma co-morbidade e, no grupo de mulheres em idade fértil (MIF), a gestação foi descrita em 26,3% dos casos.

Dentre as co-morbidades apontadas destacaram-se o grupo de doenças crônicas respiratórias (doença pulmonar obstrutiva crônica, asma, dentre outras), seguido de doenças cardiovasculares crônicas e doenças imunossupressoras. Outras co-morbidades, MS (2010) estiveram presentes tais como doenças neurológicas, genéticas, reumáticas e ainda o grupo de mulheres em idade fértil (MIF) ou em estado de gestação (MS, 2010).

O que chama atenção e lança severa preocupação MS (2010), é que configura-se, no Brasil, um quadro que, além de expor as frágeis estruturas ambientais urbanas do país, que tornam as populações vulneráveis a doenças que pareciam superadas, amplia a já alta carga de doenças da população.

Esses fatores, segundo MS (2010), agregam-se ao surgimento de novas doenças ou novas formas de manifestação das doenças na população, aumento na severidade, causado pelo surgimento de novas cepas patogênicas, ampliação da resistência aos antimicrobianos e persistência de problemas como a desnutrição e doenças endêmicas.

Logo, nessa perspectiva, o principal propósito fora, abordar uma ameaça real e imediata, e atentar para o fato que o Meio Ambiente (com sentido de conservação e preservação) e o Desenvolvimento (com sentido da escolha de padrão e conduta), são elementos indissociáveis para a Sociedade, diante de uma equação muito simples, a garantia da existência da vida humana no planeta.

Diante a única maneira de atingir este objetivo finalístico, que é o do ser humano continuar a habitar o planeta, demandará de uma nova abordagem para o desenvolvimento, um novo trato para com o meio ambiente e, uma nova conduta para a sociedade, cuja derivada serão orientações políticas mais equilibradas e estratégias que devam ser adotadas, comportando essa nova visão, como contribuição para o controle desse processo dinâmico. Do contrário, o que meramente é apenas uma obra de ficção (geralmente explicitada na arte,

como cinema, por exemplo, no filme Contágio⁵, ilustrado na figura abaixo), poderá se tornar realidade, cujo final, não será feliz, tampouco ideal.

Figura 1 – Ilustração da capa do filme Contágio.



Fonte: Disponível em: <<http://2.bp.blogspot.com/-u1K51uFof9c/T3haXYXb1NI/AAAAAAAAANq8/TfMI3H1AMkw/s1600/contagio.jpg>> Acesso em: 06 jul.2017.

Considerações Finais

Na primeira subdivisão deste trabalho apresentaram-se argumentos que explicam a correlação entre a tríade Meio Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento, sob a celebre frase de Dickens “Era o melhor dos tempos, era o pior dos tempos”. Na segunda etapa do trabalho observou-se a questão da saúde, elencando algumas doenças emergentes e, sobretudo, as reemergentes que assolam determinados territórios mundiais. Antes controladas, as moléstias reemergentes ressurgem perigosamente mais resistentes, tornando-se possíveis ameaças em níveis globais. Na terceira seção, as doenças emergentes e reemergentes foram analisadas no âmbito nacional; o desfecho desta análise direcionou para a constatação de que ações para alterar o panorama atual, de intensa exploração do meio ambiente, são fundamentais para o controle destas doenças e, conseqüentemente, para a sobrevivência da humanidade.

⁵ Filme Contágio. Título original *Contagion*. Direção Steven Soderbergh. Roteiro Scott Z. Burns. Gênero Ficção científica, suspense, catástrofe. Warner Bros, 2011, USA.

A concepção da necessidade do desenvolvimento tecnológico e científico, frente ao progresso social, precisa ocorrer de forma equilibrada, de modo que os recursos naturais não se esgotem, e assim favoreçam o fortalecimento e a propagação de moléstias de tipos diversos. Assim, considera-se o debate acerca deste assunto como relevante, não somente para o campo acadêmico, mas para todas as pessoas a quem possa interessar a reflexão sobre tema tão pertinente à atualidade.

Ao finalizar este trabalho é possível concluir que estratégias de preservação ao meio ambiente e ações direcionadas a saúde devem ser compreendidas como primordiais. Intervenções governamentais nestes aspectos precisam ser realizadas de forma mais efetiva e concreta.

Referências

BARBOSA, Vanessa. **A última gota** – Água desperdiçada, descaso dos políticos, guerra por recursos hídricos, escassez, contaminação, racionamento, sucessão de erros, o mundo sem água, qualidade da água. 1 ed. São Paulo: Planeta, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
MINISTÉRIO DA SAÚDE/MS (BRASIL). **Doenças Infecciosas e Parasitárias**. 8 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

WORLD HEALTH ORGANIZATION/WHO. (EUROPE). *Environment and Health Risks: a review of the influences and effects of social inequalities*. (2010). Disponível em: <http://www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0003/78069/E93670.pdf> Acesso em: 06 jul. 2017.